

SONDAGEM

ICS / ISCTE

Dezembro 2022

Parte 2



ÍNDICE

1. Ficha técnica	2
2. Avaliação da evolução da economia em Portugal	3
3. Há uma crise de habitação em Portugal?	5
4. Há uma crise de habitação na zona onde vive?	8
5. Impacto de diferentes fatores na situação atual da habitação	11
6. Medidas para lidar com a situação da habitação em Portugal.....	17
7. Atenção dada ao problema da habitação por partidos de direita e de esquerda.....	23

1. Ficha técnica

Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 3 e 15 de dezembro de 2022. A sondagem foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram seleccionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (5 Regiões NUTII) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram seleccionados aleatoriamente 83 pontos de amostragem onde foram realizadas as entrevistas, de acordo com as quotas acima referidas.

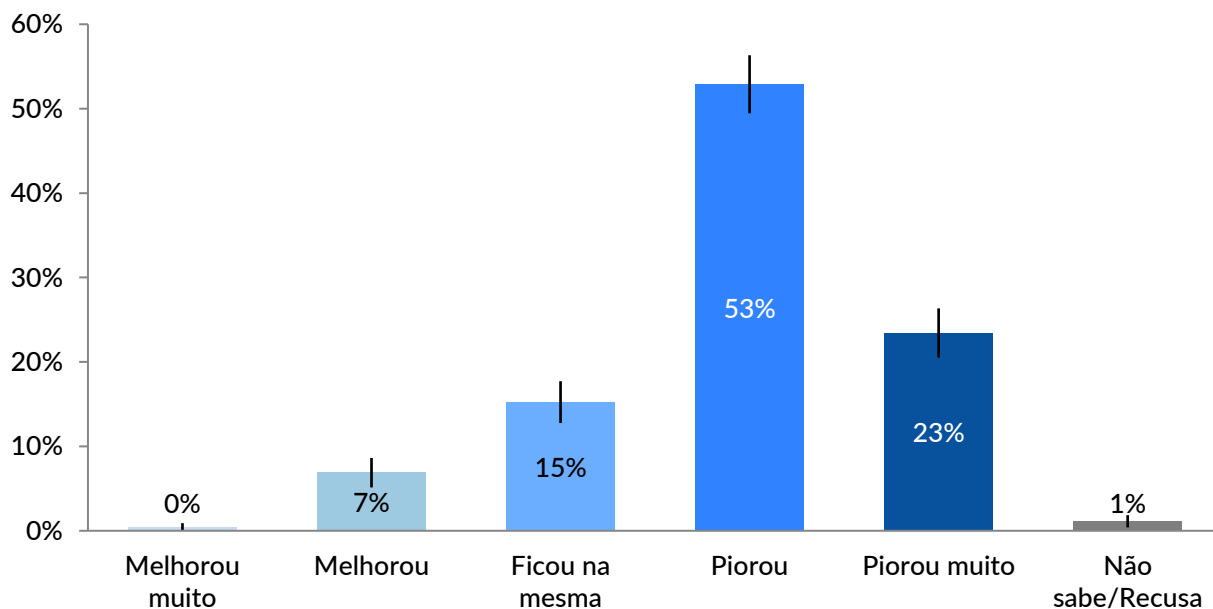
A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto em eleições legislativas recolhida recorrendo a simulação de voto em urna. Foram contactados 3010 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 809 entrevistas válidas (taxa de resposta de 27%, taxa de cooperação de 39%). O trabalho de campo foi realizado por 42 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses com 18 ou mais anos residentes no Continente, a partir dos dados da vaga mais recente do *European Social Survey* (Ronda 10). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 809 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, em particular sobre como interpretar as barras de erro associadas às estimativas, pós-estratificação amostral e a metodologia aplicada para lidar com “indecisos” e não-respostas em questões sobre intenção de voto, consultar o nosso [site](#).

2. Avaliação da evolução da economia em Portugal

"Falando agora sobre a situação da economia em Portugal: no último ano, acha que a situação da economia melhorou muito, melhorou, ficou na mesma, piorou ou piorou muito?"

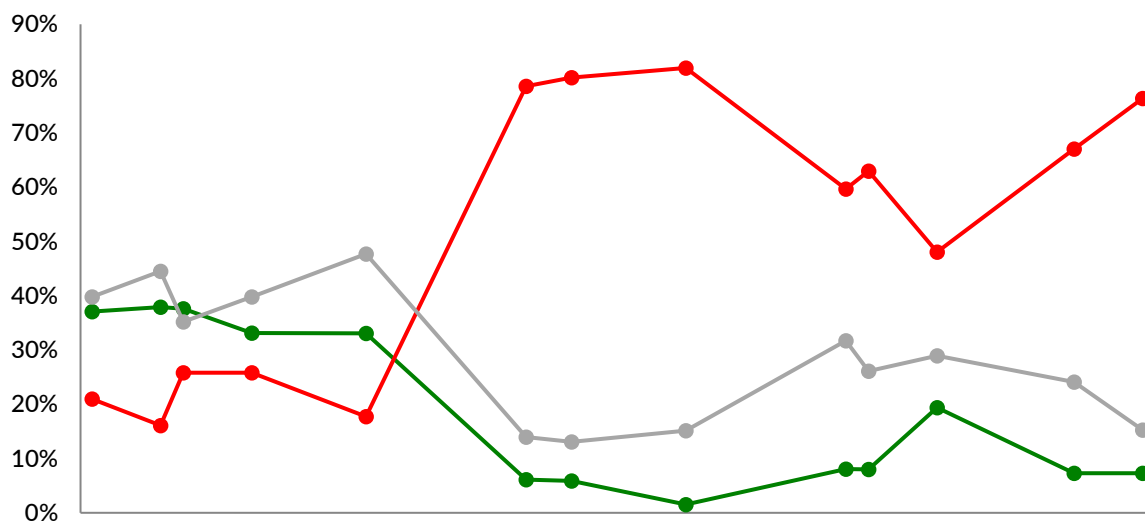
% em relação ao total da amostra



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade.

Uma fatia expressiva dos inquiridos (76%) considera que, no último ano, a situação da economia em Portugal “piorou” (53%) ou “piorou muito” (23%). Apenas 7% afirmam que a economia portuguesa “melhorou” nesse período, e para 15% a situação manteve-se estável.

Avaliação da evolução da economia em Portugal no último ano
% em relação ao total das amostras

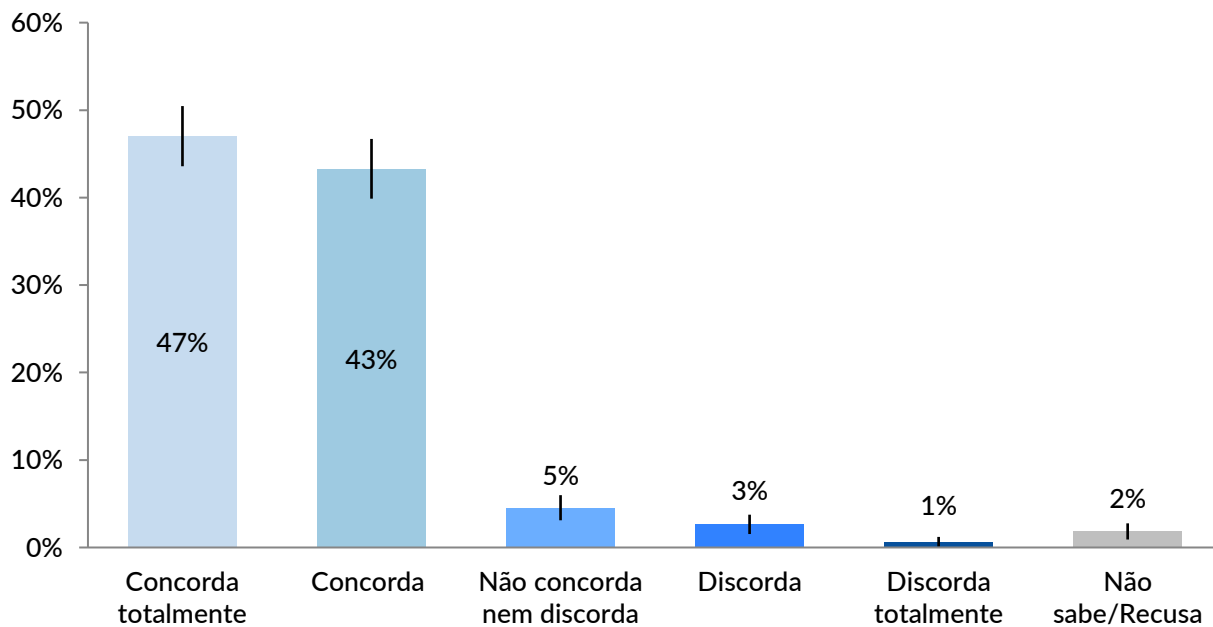


	fev/19	mai/19	jun/19	set/19	fev/20	set/20	nov/20	abr/21	nov/21	dez/21	mar/22	set/22	dez/22
—●— Melhorou	37,1%	37,9%	37,6%	33,1%	33,08%	6,1%	5,9%	1,5%	8,0%	8%	19%	7%	7%
—●— Piorou	21,0%	16,1%	25,8%	25,8%	17,73%	78,6%	80,2%	82,0%	59,7%	63%	48%	67%	76%
—●— Na mesma	39,8%	44,5%	35,2%	39,8%	47,69%	14,0%	13,1%	15,2%	31,7%	26%	29%	24%	15%

A tendência de aumento das avaliações negativas da evolução da economia identificada em setembro é acentuada neste mês de dezembro, com uma subida de 9 pontos percentuais na proporção de inquiridos que consideram que a economia portuguesa está pior que há um ano (de 67% para 76%). Este valor aproxima-se do identificado nas sondagens realizadas no primeiro ano da pandemia de COVID-19 (79% a 82%). Em comparação com a sondagem de setembro de 2022, há uma considerável redução na percentagem dos que consideram que a economia ficou na mesma ao longo do último ano.

3. Há uma crise de habitação em Portugal?

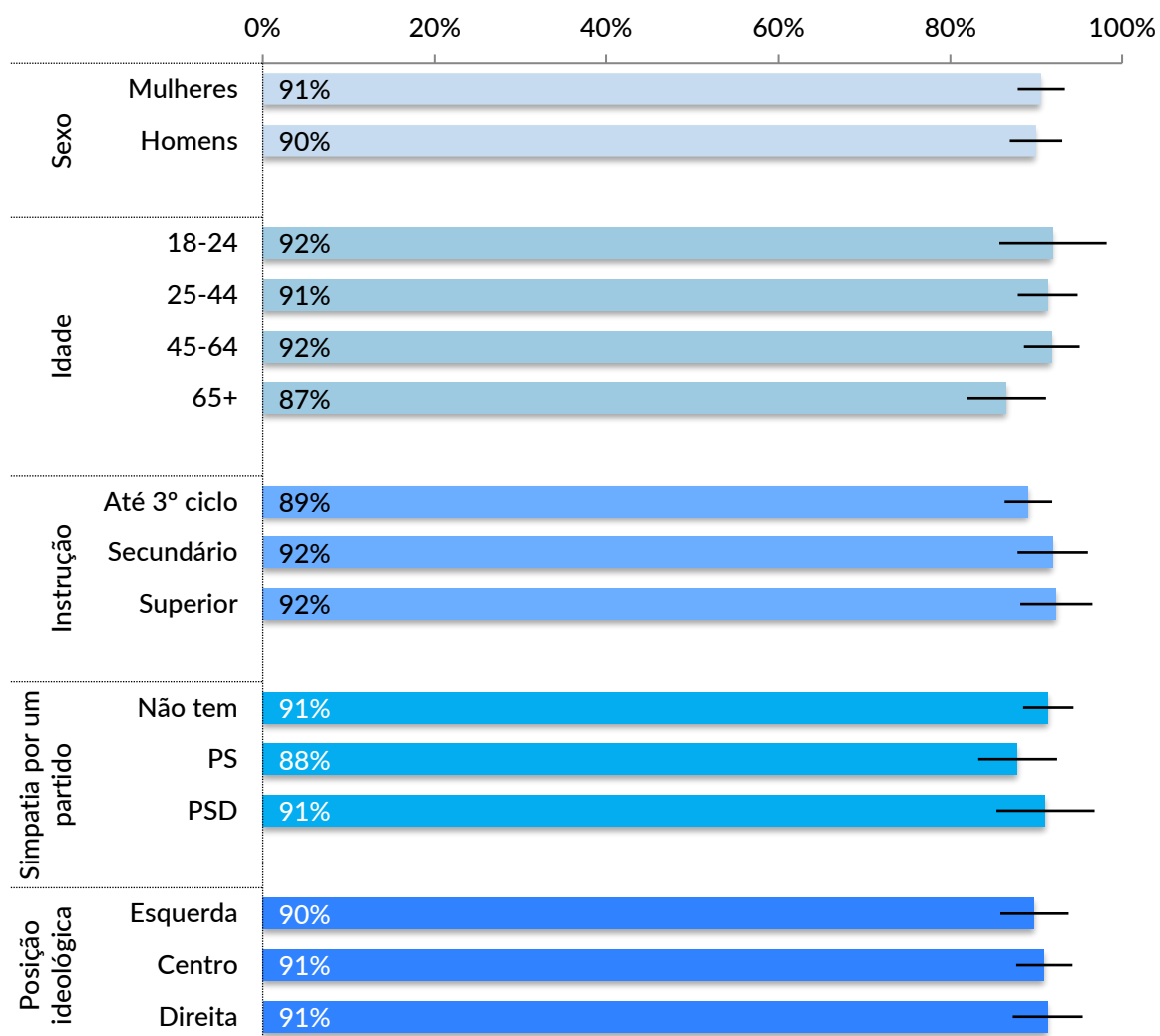
"Existe uma crise de habitação em Portugal."
% em relação ao total da amostra



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade.

A grande maioria dos inquiridos (90%) "concorda totalmente" (47%) ou "concorda" (43%) que existe uma crise de habitação em Portugal. Por outro lado, apenas 4% rejeitam esta ideia.

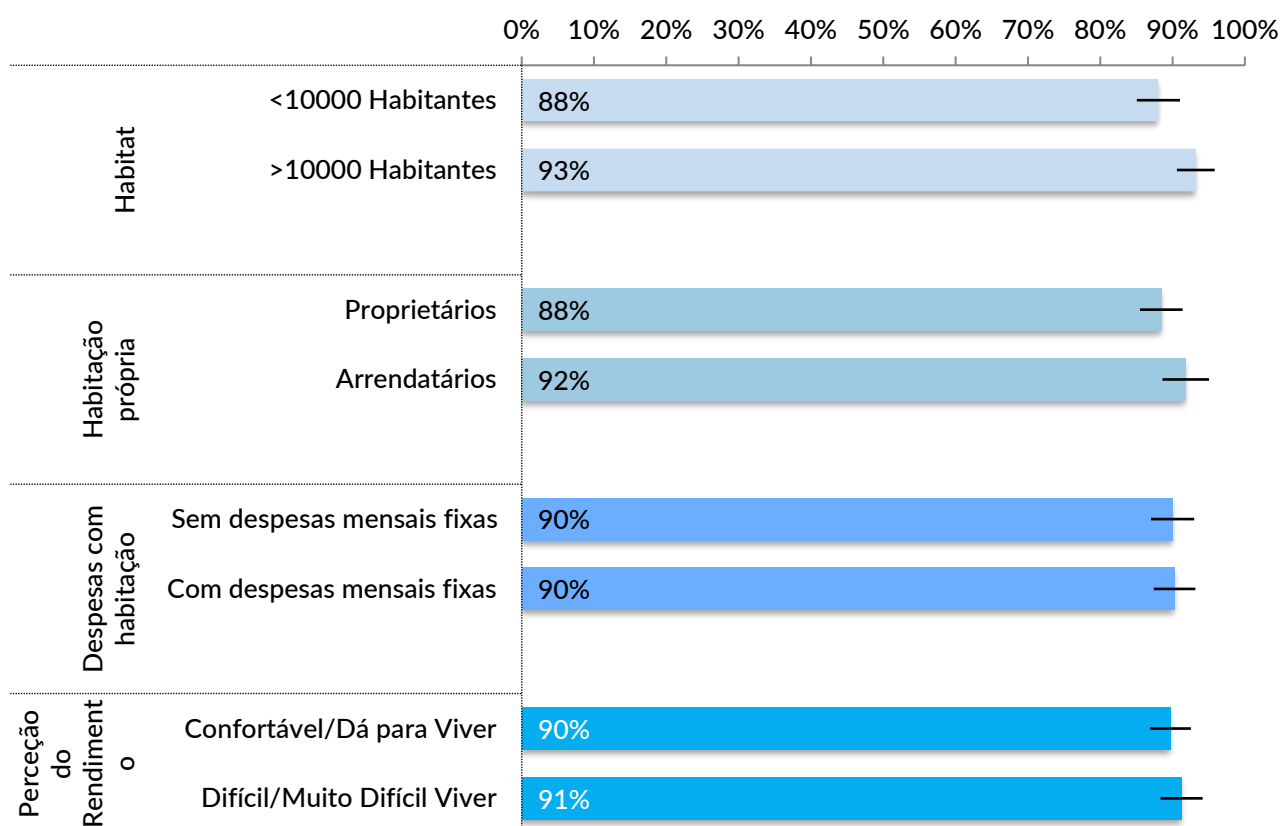
"Existe uma crise de habitação em Portugal": comparação entre subgrupos sociopolíticos
 % que "concorda totalmente" ou "concorda" em relação ao total dos subgrupos



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade

O consenso em torno da ideia de que há uma crise de habitação em Portugal é transversal aos vários grupos sociopolíticos.

"Existe uma crise de habitação em Portugal": comparação entre subgrupos socioeconómicos e com diferentes situações habitativas
 % que "concorda totalmente" ou "concorda" em relação ao total dos subgrupos



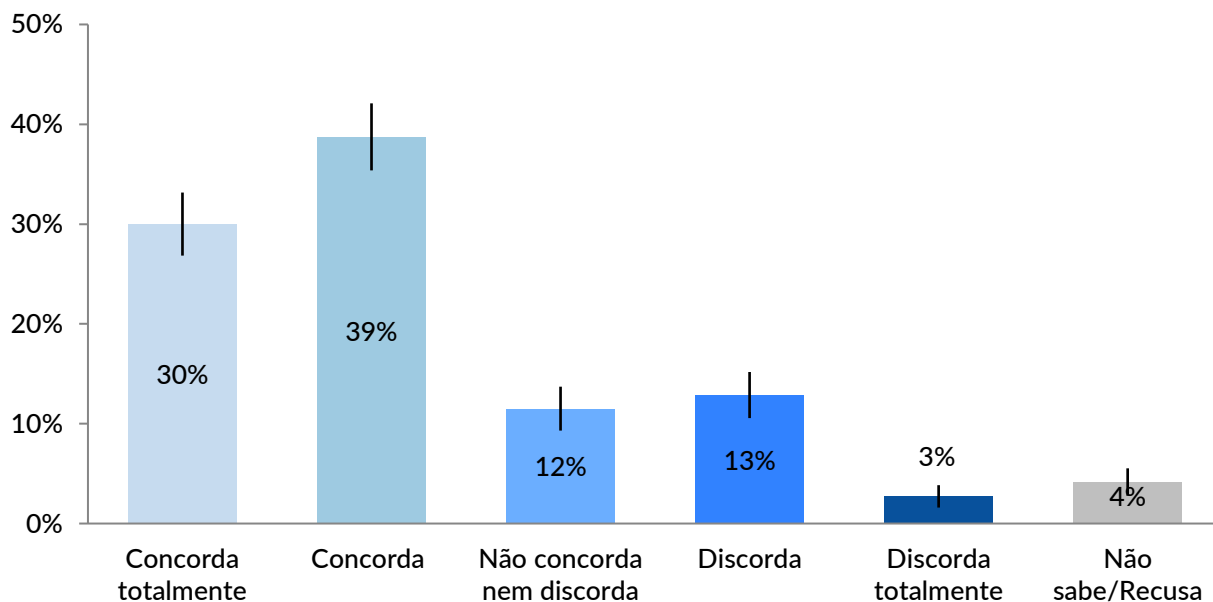
Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade

A opinião de que existe uma crise de habitação em Portugal é mais pronunciada junto dos que vivem em contextos mais populosos (com mais de 10 mil habitantes) do que daqueles que vivem em *habitats* de menor dimensão (93% vs. 88%). Não existem diferenças significativas entre quem é proprietário (tendo ou não o imóvel pago) e quem é arrendatário, bem como entre quem tem custos mensais fixos com habitação (renda ou prestação do empréstimo) e quem não tem (porque vive com os pais ou porque tem a casa paga). O grau de conforto que o rendimento do agregado familiar proporciona também não gera opiniões diferentes a este respeito.

4. Há uma crise de habitação na zona onde vive?

"Existe uma crise de habitação na zona em que vive."

% em relação ao total da amostra

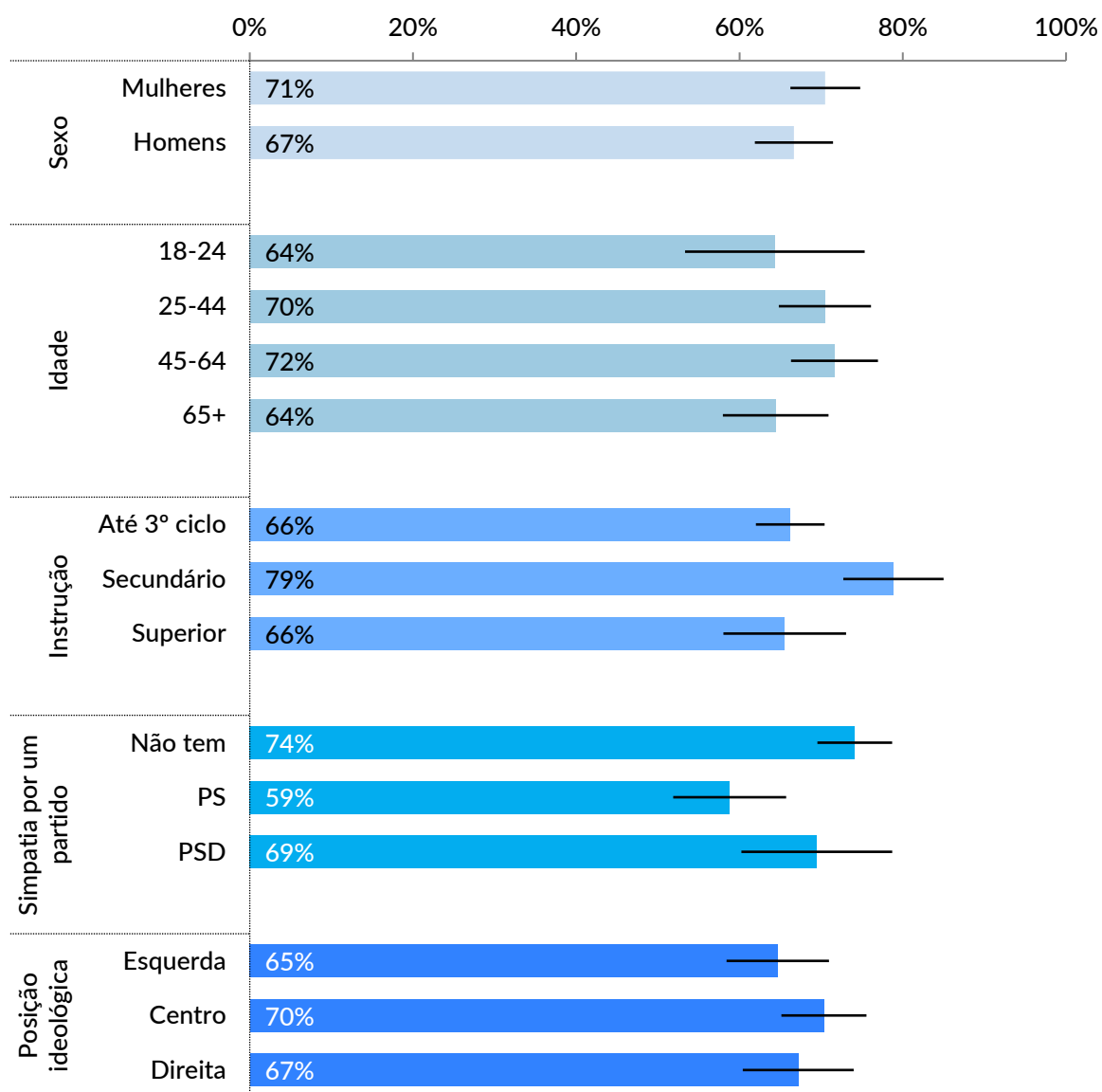


Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade.

É também maioritária (69%) a proporção dos inquiridos que consideram que há uma crise de habitação na zona em que residem: 30% dizem "concordar totalmente" com esta afirmação e 39% "concordam". Por outro lado, 16% rejeitam esta ideia.

"Existe uma crise de habitação na zona em que vive": comparação entre subgrupos sociopolíticos

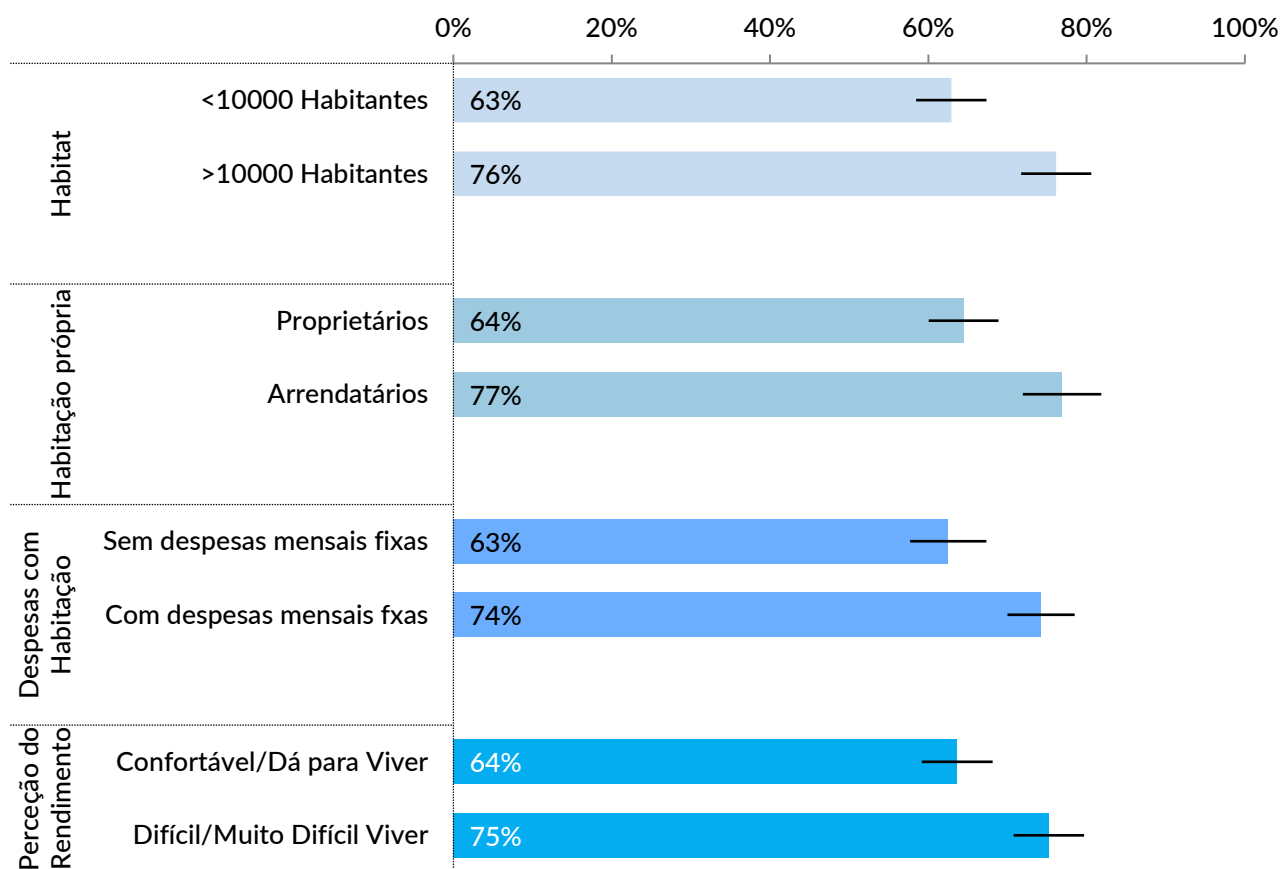
% que "concorda totalmente" ou "concorda" em relação ao total dos subgrupos



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade

Os detentores de habilitações literárias ao nível do ensino secundário são muito mais propensos a concordar com a afirmação de que há uma crise de habitação na zona em que residem (79%) do que quem tem níveis de instrução formal mais baixos ou mais altos (66% em ambos os casos). Esta opinião é menos frequente junto dos simpatizantes do PS (59%) do que daqueles que simpatizam com o PSD (69%) ou não manifestam simpatia partidária (74%).

"Existe uma crise de habitação na zona em que vive": comparação entre subgrupos socioeconómicos e com diferentes situações habitativas
 % que "concorda totalmente" ou "concorda" em relação ao total dos subgrupos



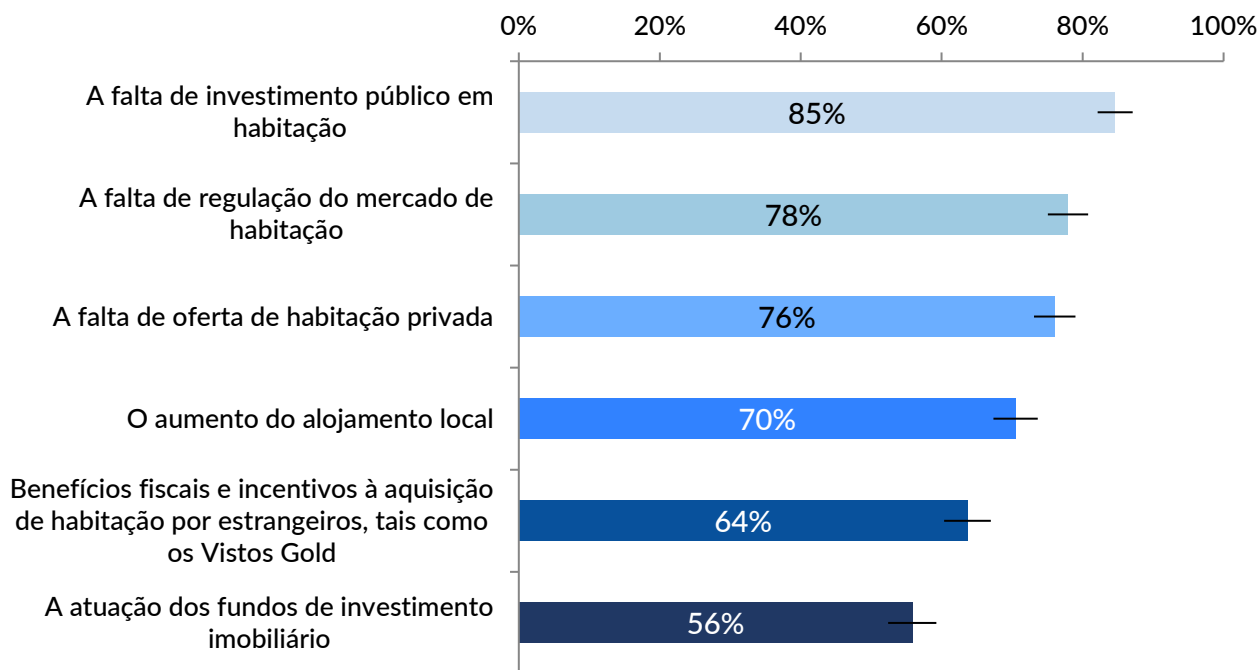
Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade

A concordância com a ideia de que há uma crise de habitação na zona de residência é maior junto dos que consideram ser difícil ou muito difícil viver com o rendimento do seu agregado familiar (75%), dos que têm despesas mensais fixas com habitação (74%), dos que arrendam o imóvel em que residem (77%) e de quem vive em *habitats* mais populosos (76%).

5. Impacto de diferentes fatores na situação atual da habitação

Impacto de diferentes fatores na situação atual da habitação em Portugal

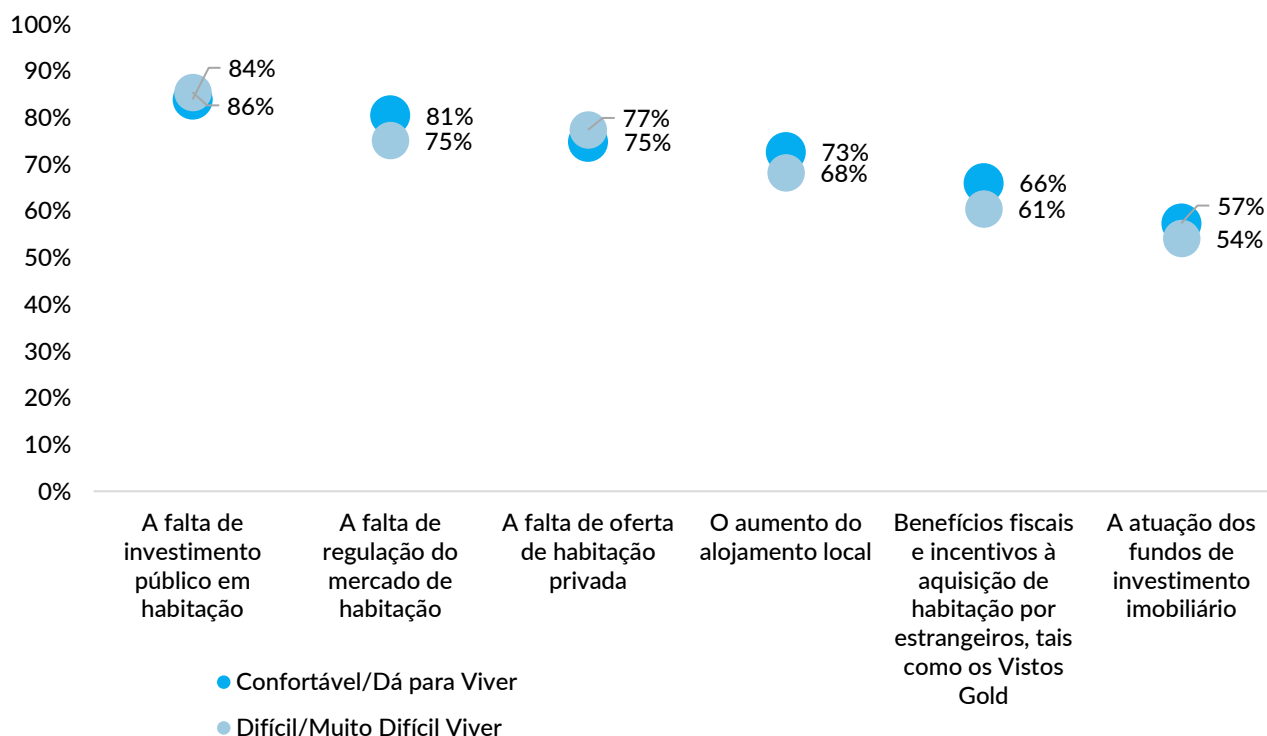
% de "muito" ou "algum impacto" em relação ao total da amostra



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondados à unidade.

A falta de investimento público em habitação (85%) é o fator apontado como responsável pela situação atual da habitação em Portugal por uma maior proporção de inquiridos, seguido pela falta de regulação do mercado (78%) e pela falta de oferta privada (76%). Os impactos do alojamento local (70%) e, em menor grau, dos incentivos à aquisição de habitação por estrangeiros (64%) e dos fundos de investimento imobiliário (56%), são também alvo da concordância de boa parte dos inquiridos.

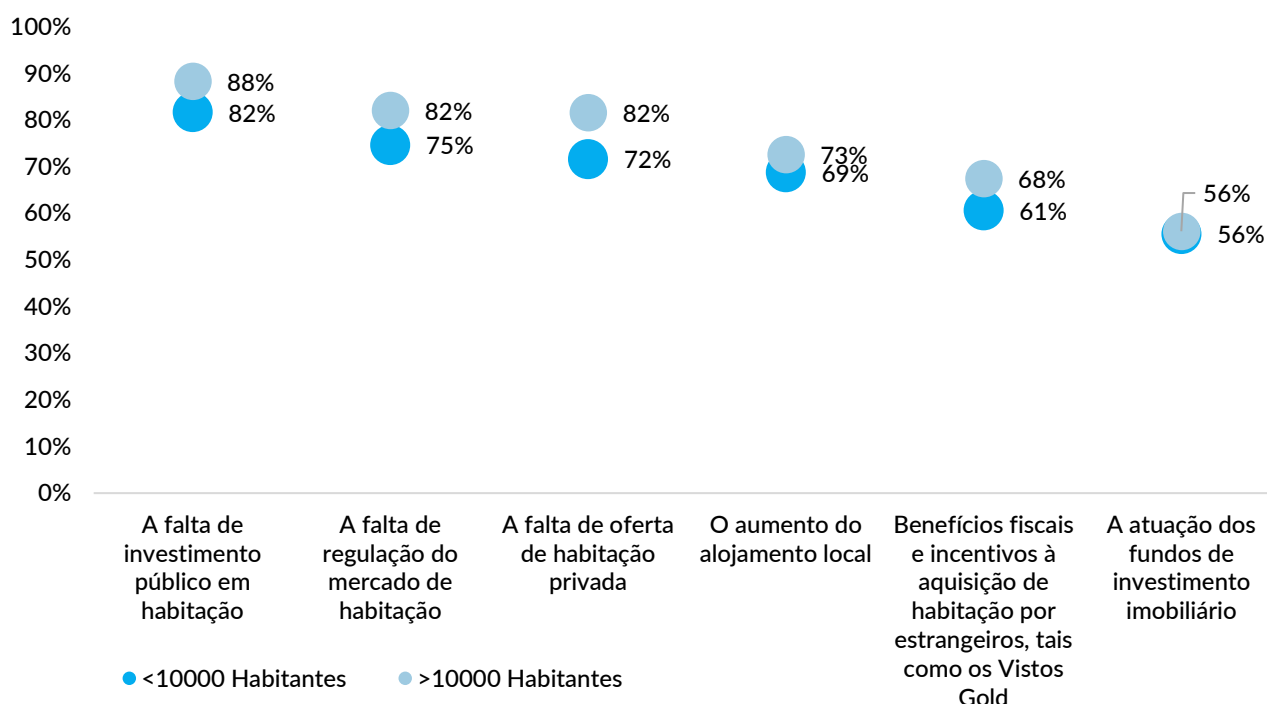
Impacto de diferentes fatores na situação atual da habitação em Portugal: comparação entre pessoas confortáveis com o seu rendimento e pessoas que consideram o seu rendimento insuficiente
 % de "muito" ou "algum impacto" em relação ao total dos subgrupos



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondados à unidade

Não existem diferenças significativas entre os grupos de inquiridos com diferentes perceções do rendimento do agregado familiar em relação às causas da situação da habitação em Portugal. Há, contudo, uma tendência não significativa para que quem considera o rendimento insuficiente concorde menos com a afirmação de que a falta de regulação do mercado de habitação está na base da situação atual (75% contra 81%).

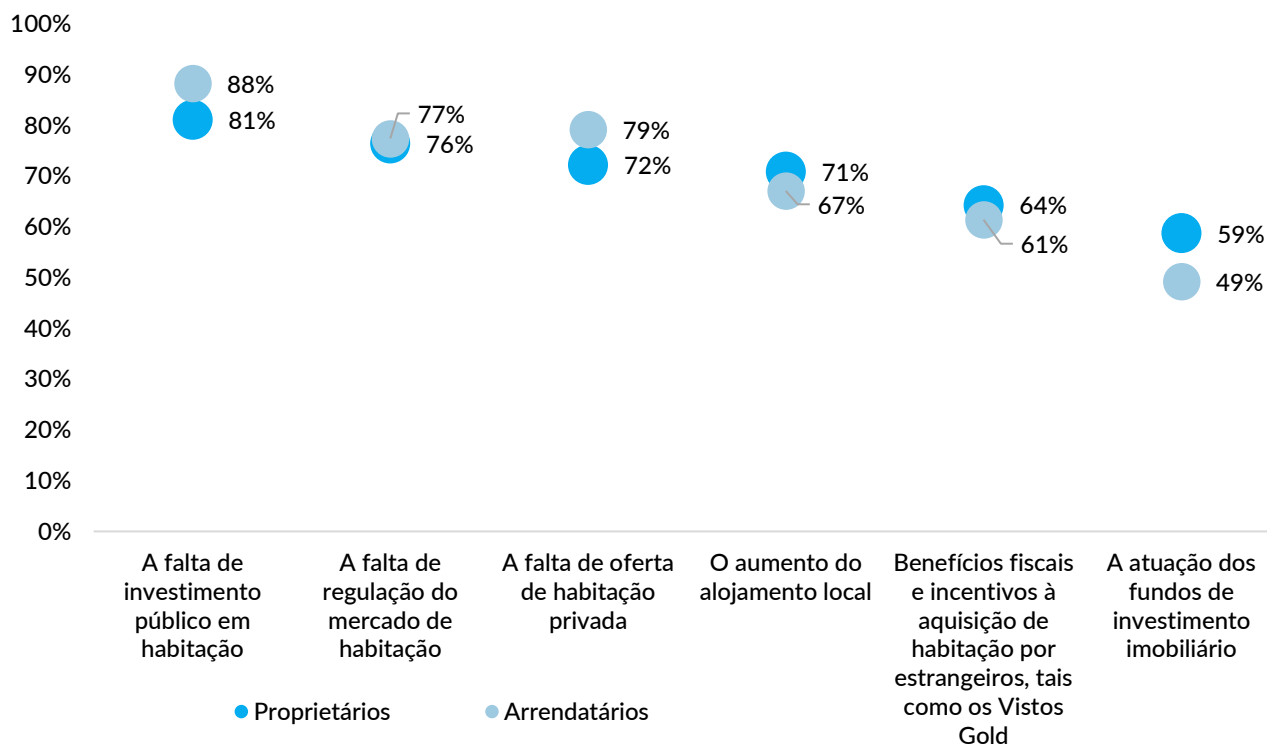
Impacto de diferentes fatores na situação atual da habitação em Portugal: comparação entre quem vive em localidades com menos de 10 mil habitantes e com mais de 10 mil habitantes
% de "muito" ou "algum impacto" em relação ao total dos subgrupos



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondados à unidade

Quem vive em *habitats* mais populosos tende mais a concordar com o impacto de fatores como a falta de oferta de habitação privada (82%), a falta de regulação do mercado (82%) e a falta de investimento público em habitação (88%) do que quem vive em zonas mais pequenas (72%, 75% e 82%, respetivamente).

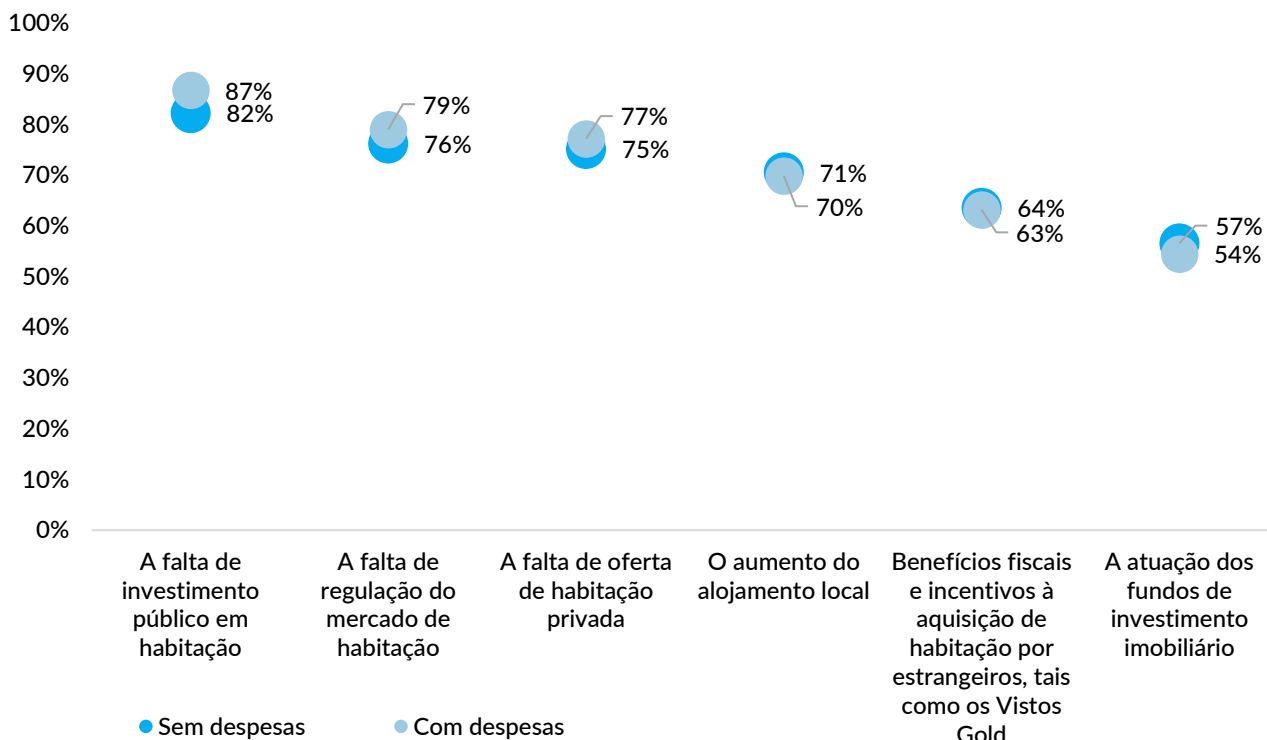
Impacto de diferentes fatores na situação atual da habitação em Portugal: comparação entre pessoas que têm casa própria e pessoas que vivem em casa arrendada
 % de "muito" ou "algum impacto" em relação ao total dos subgrupos



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondados à unidade

Quem vive em casa arrendada é um pouco mais propenso a concordar com a afirmação de que a situação atual da habitação no país se deve à falta de investimento público em habitação (88%) do que quem possui casa própria (81%). O mesmo acontece em relação à falta de oferta de habitação privada (79% vs. 72%). Por outro lado, os arrendatários referem menos o impacto da ação dos fundos de investimento imobiliário do que os proprietários (49% vs. 59%). A falta de oferta de habitação privada é o fator que obtém a segunda taxa de concordância mais elevada entre quem arrenda, mas aparece em terceiro lugar no grupo dos proprietários.

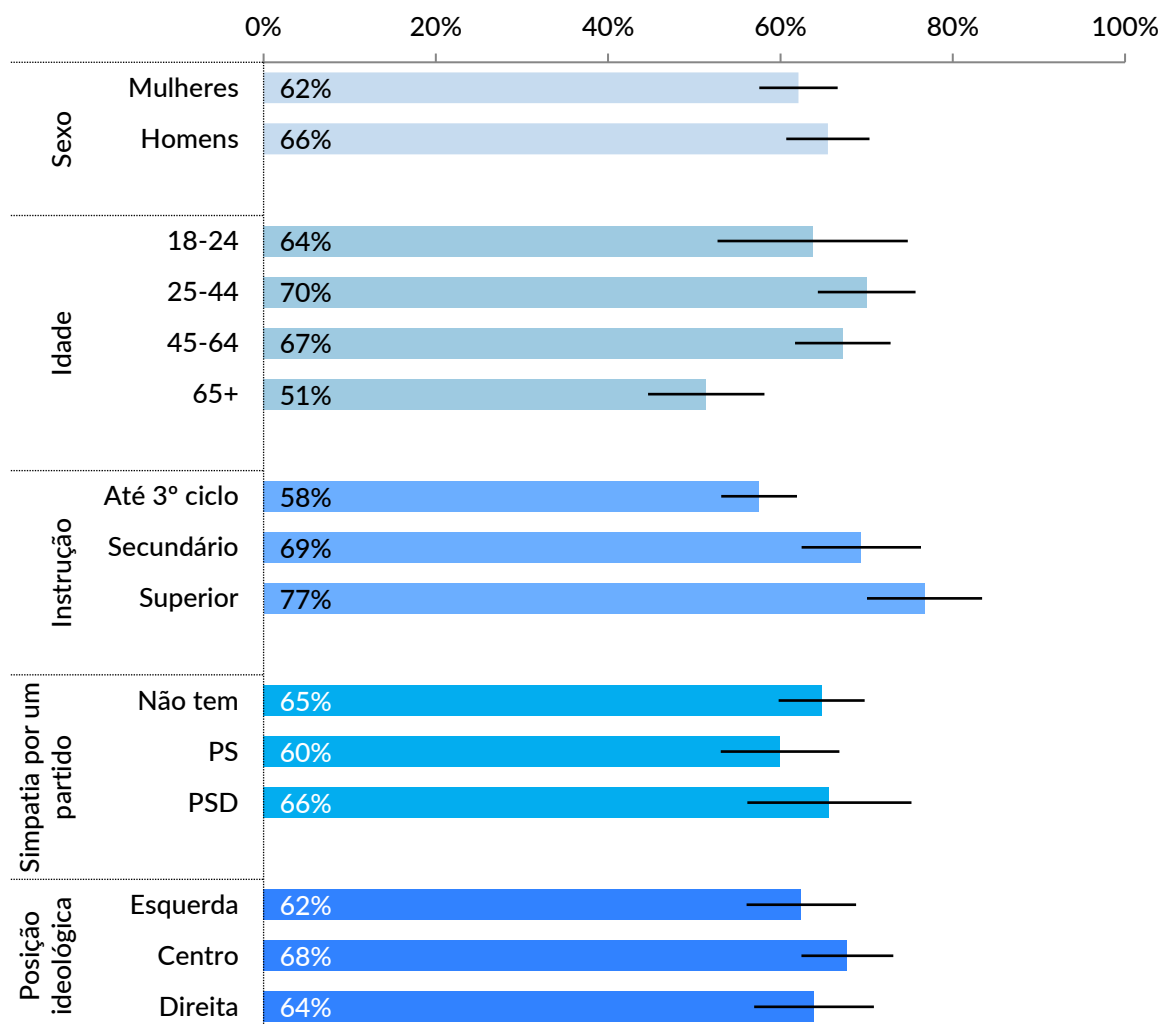
Impacto de diferentes fatores na situação actual da habitação em Portugal: comparação entre pessoas que têm e que não têm despesas mensais fixas com habitação (renda ou prestação do empréstimo)
 % de "muito" ou "algum impacto" em relação ao total dos subgrupos



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondados à unidade

Não há diferenças estatisticamente significativas entre quem tem e quem não tem despesas mensais fixas com habitação (renda ou prestação do empréstimo) em termos de concordância com o impacto de diferentes fatores na situação da habitação em Portugal.

Impacto dos benefícios fiscais e incentivos à aquisição de habitação por estrangeiros, tais como os Vistos Gold, na situação atual da habitação em Portugal: comparação entre grupos sociopolíticos
 % de "muito" ou "algum impacto" em relação ao total dos subgrupos



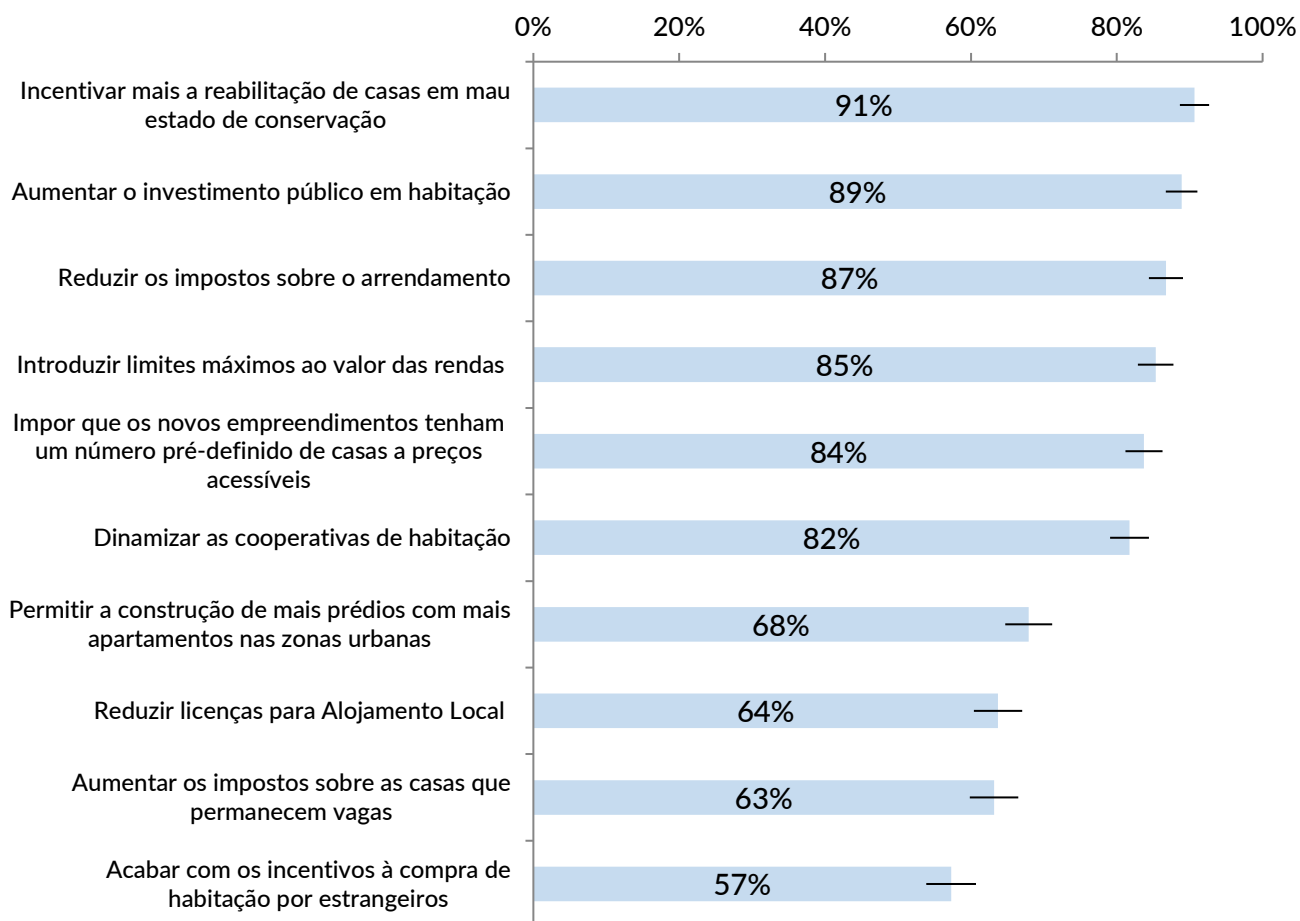
Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade

A concordância com o papel dos benefícios fiscais e incentivos à aquisição de habitação por estrangeiros, como por exemplo os Vistos Gold, na situação da habitação em Portugal cresce à medida que aumenta a instrução dos inquiridos, passando de 58% entre os menos escolarizados para 77% junto de quem tem formação ao nível universitário. Além disso, os mais velhos, com 65 ou mais anos, concordam menos com o impacto deste fator (51%) do que os restantes inquiridos.

6. Medidas para lidar com a situação da habitação em Portugal

Apoio a diferentes medidas para lidar com a situação da habitação em Portugal.

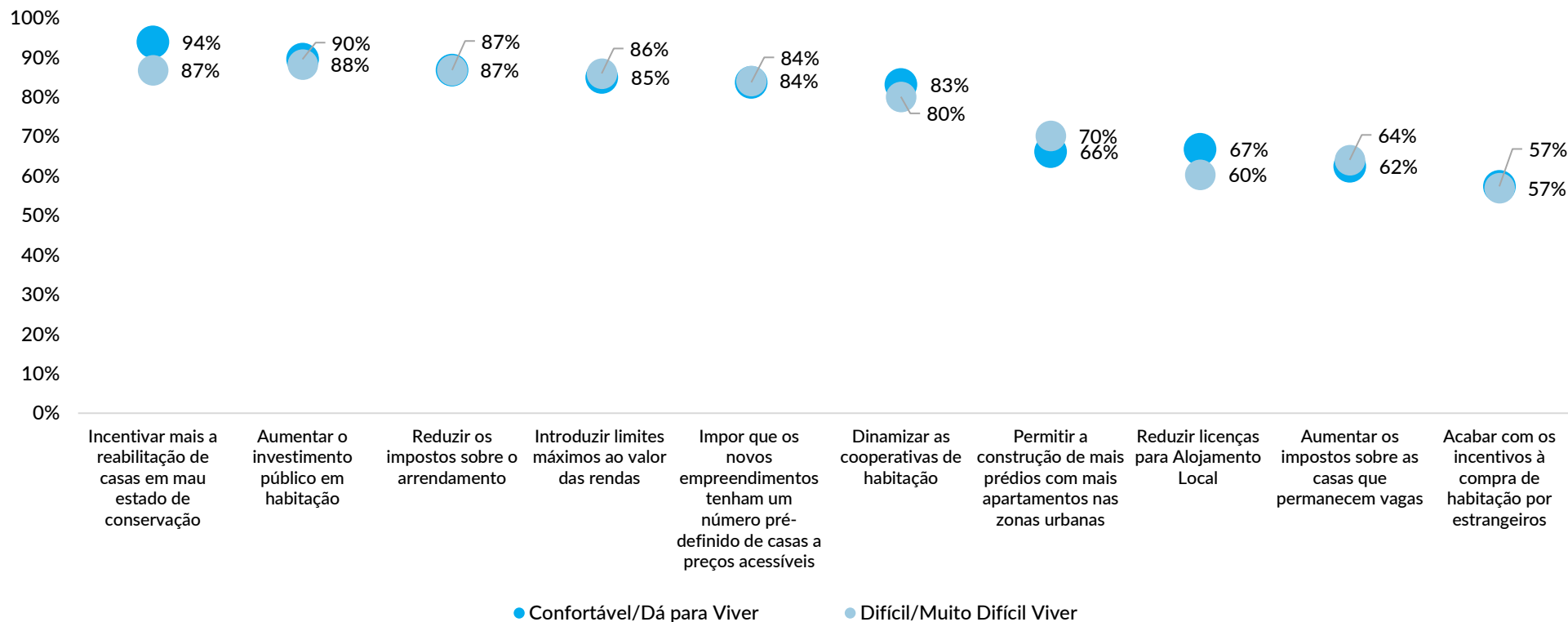
% de "muito a favor" ou "a favor" em relação ao total da amostra



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondados à unidade.

A grande maioria dos inquiridos demonstra-se favorável ou muito favorável à implementação das seguintes medidas para lidar com a questão da habitação: incentivos à reabilitação (91%), aumento do investimento público (89%), redução dos impostos sobre o arrendamento (87%), criação de limites máximos ao valor das rendas (85%), imposição de oferta de casas a preços acessíveis em novos empreendimentos (84%) e dinamização de cooperativas de habitação (82%). Por outro lado, a autorização de construção de mais imóveis em zonas urbanas (68%), a redução das licenças para Alojamento Local (64%), o aumento dos impostos sobre casas vagas (63%) e, notoriamente, o fim dos incentivos à compra de habitação por estrangeiros (57%) são comparativamente menos populares, embora continuem a obter o apoio da maioria dos inquiridos.

Apoio a diferentes medidas para lidar com a situação da habitação em Portugal: comparação entre pessoas confortáveis com o seu rendimento e pessoas que consideram o seu rendimento insuficiente
 % de "muito a favor" ou "a favor" em relação ao total dos subgrupos

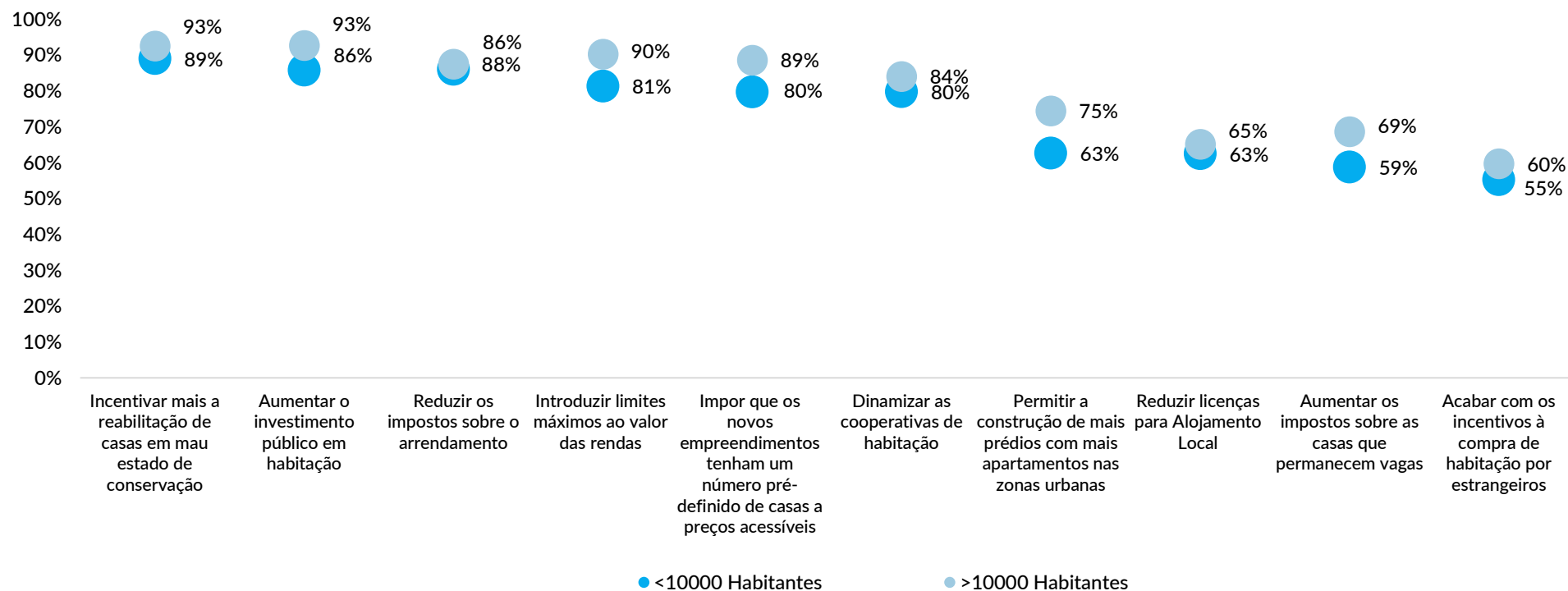


Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondados à unidade

Não existem diferenças estatisticamente significativas entre quem tem dificuldade em viver com o seu rendimento e quem acha que o mesmo dá para viver ou até mesmo viver confortavelmente, com uma única exceção: os últimos expressam de forma mais uníssona o seu apoio a uma política de incremento dos incentivos para reabilitar casas em mau estado de conservação (94%) que os primeiros (87%).

Apoio a diferentes medidas para lidar com a situação da habitação em Portugal: comparação entre quem vive em localidades com menos de 10 mil habitantes e com mais de 10 mil habitantes

% de "muito a favor" ou "a favor" em relação ao total dos subgrupos

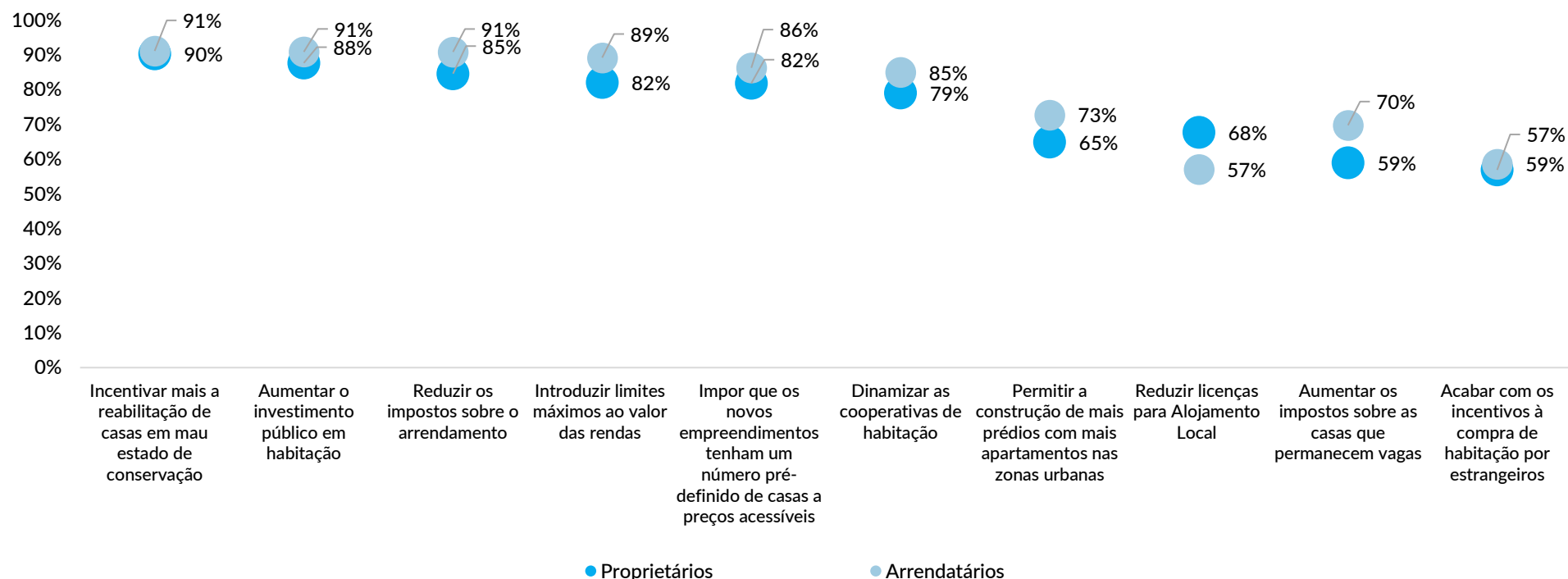


Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondados à unidade

O *habitat* está associado a diferenças expressivas: quem vive em zonas mais populosas é mais vincadamente favorável do que quem vive em contextos mais pequenos em relação a medidas como aumentar o investimento público em habitação (93% vs. 86%), introduzir limites máximos aos valores das rendas (90% vs. 81%), criar a obrigatoriedade de oferta de casas a preços acessíveis em novos empreendimentos (89% vs. 80%), permitir mais construção em zonas urbanas (75% vs. 63%) e aumentar os impostos sobre as casas vagas (69% vs. 59%).

Apoio a diferentes medidas para lidar com a situação da habitação em Portugal: comparação entre pessoas que têm casa própria e pessoas que vivem em casa arrendada

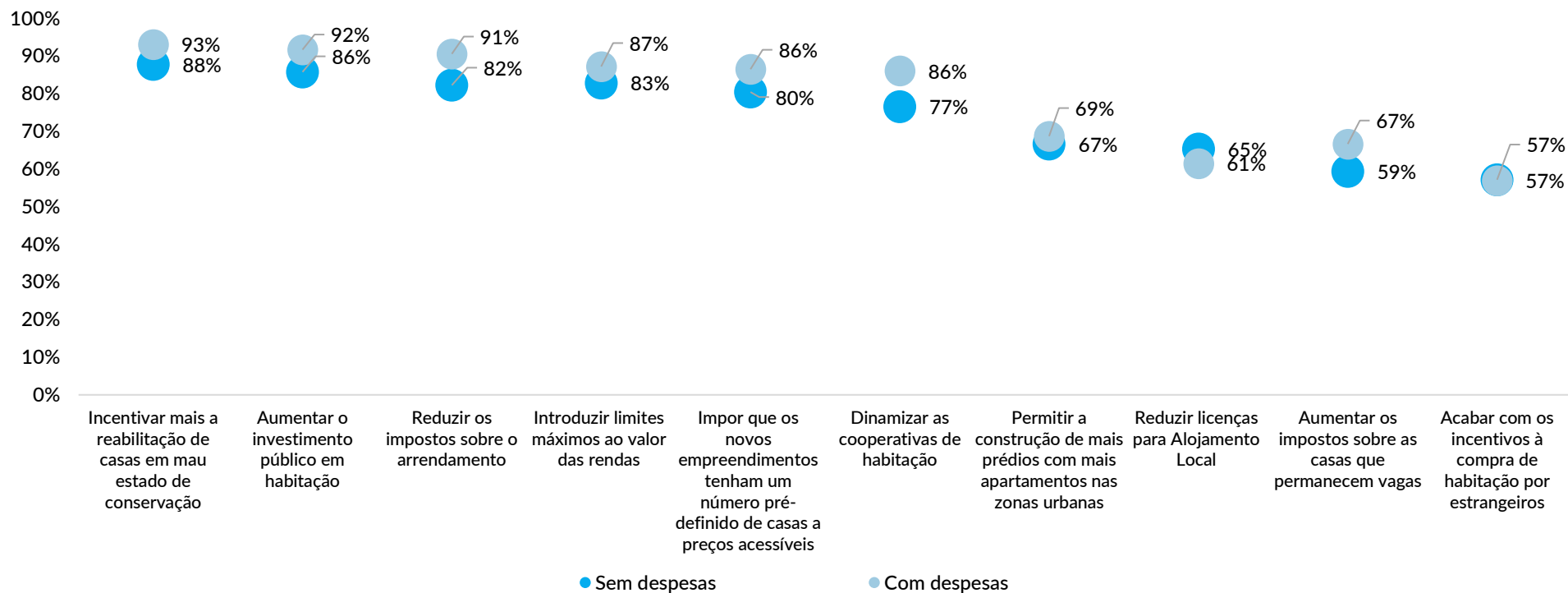
% de "muito a favor" ou "a favor" em relação ao total dos subgrupos



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondados à unidade

Quanto à distinção entre proprietários e arrendatários, esta é relevante em relação a cinco das dez medidas colocadas à consideração dos inquiridos. Em concreto, quem arrenda casa concorda menos com a redução das licenças para Alojamento Local (57% vs. 68%), embora seja mais favorável à introdução de limites máximos aos valores das rendas (89% vs. 82%), à autorização da construção de mais edifícios em zonas urbanas (73% vs. 65%), ao aumento dos impostos sobre as casas vagas (70% vs. 59%) e à redução dos impostos sobre o arrendamento (91% vs. 85%) do que quem é proprietário do imóvel em que reside (estando este já completamente pago ou não).

Apoio a diferentes medidas para lidar com a situação da habitação em Portugal: comparação entre pessoas que têm e que não têm despesas mensais fixas com habitação (renda ou prestação do empréstimo)
 % de "muito a favor" ou "a favor" em relação ao total dos subgrupos

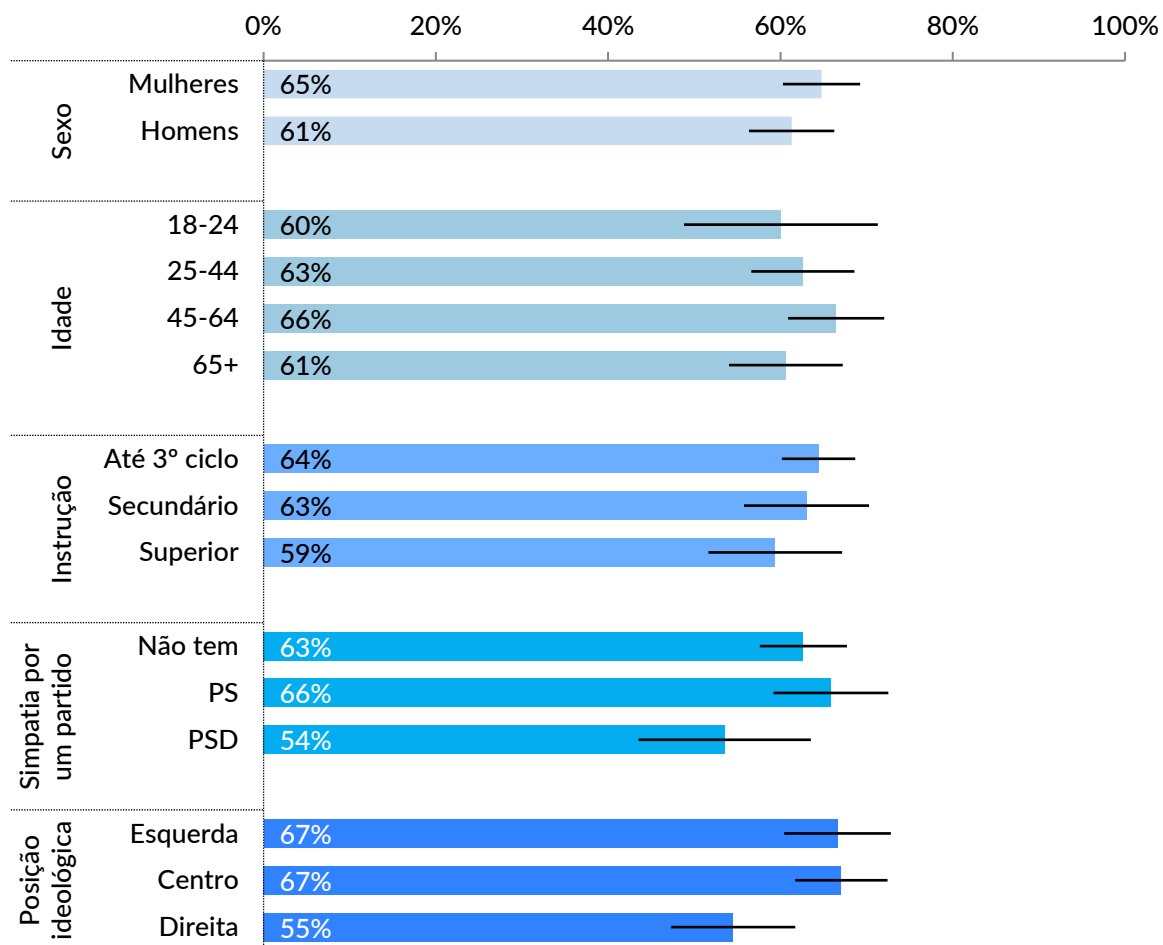


Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondados à unidade

Por fim, a distinção entre quem tem e quem não tem despesas mensais fixas com habitação (renda ou prestação do empréstimo) está associada a diferenças significativas nas taxas de favorabilidade face a seis medidas. Quem paga renda ou empréstimo é comparativamente mais favorável do que quem não tem estas despesas ao aumento do investimento público em habitação (92% vs. 86%), à redução dos impostos sobre o arrendamento (91% vs. 82%), ao aumento dos impostos sobre as casas vagas (67% vs. 59%), à obrigatoriedade de disponibilizar casas a preços acessíveis em novos empreendimentos (86% vs. 80%), à dinamização das cooperativas de habitação (86% vs. 77%) e aos incentivos à reabilitação (93% vs. 88%).

Apoio ao aumento dos impostos sobre as casas que permanecem vagas: comparação entre grupos sociopolíticos

% de "muito a favor" ou "a favor" em relação ao total dos subgrupos

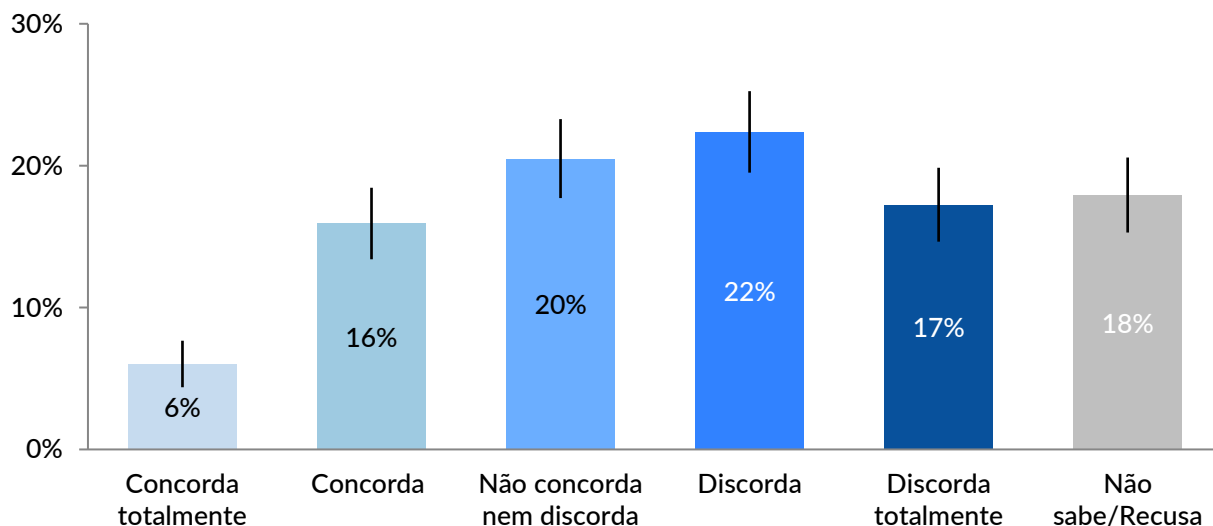


Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade

O apoio ao aumento dos impostos sobre as casas que permaneçam vazias é mais explícito junto dos inquiridos que se posicionam ideologicamente à esquerda e ao centro (67% nos dois casos) do que junto dos de direita (55%).

7. Atenção dada ao problema da habitação por partidos de direita e de esquerda

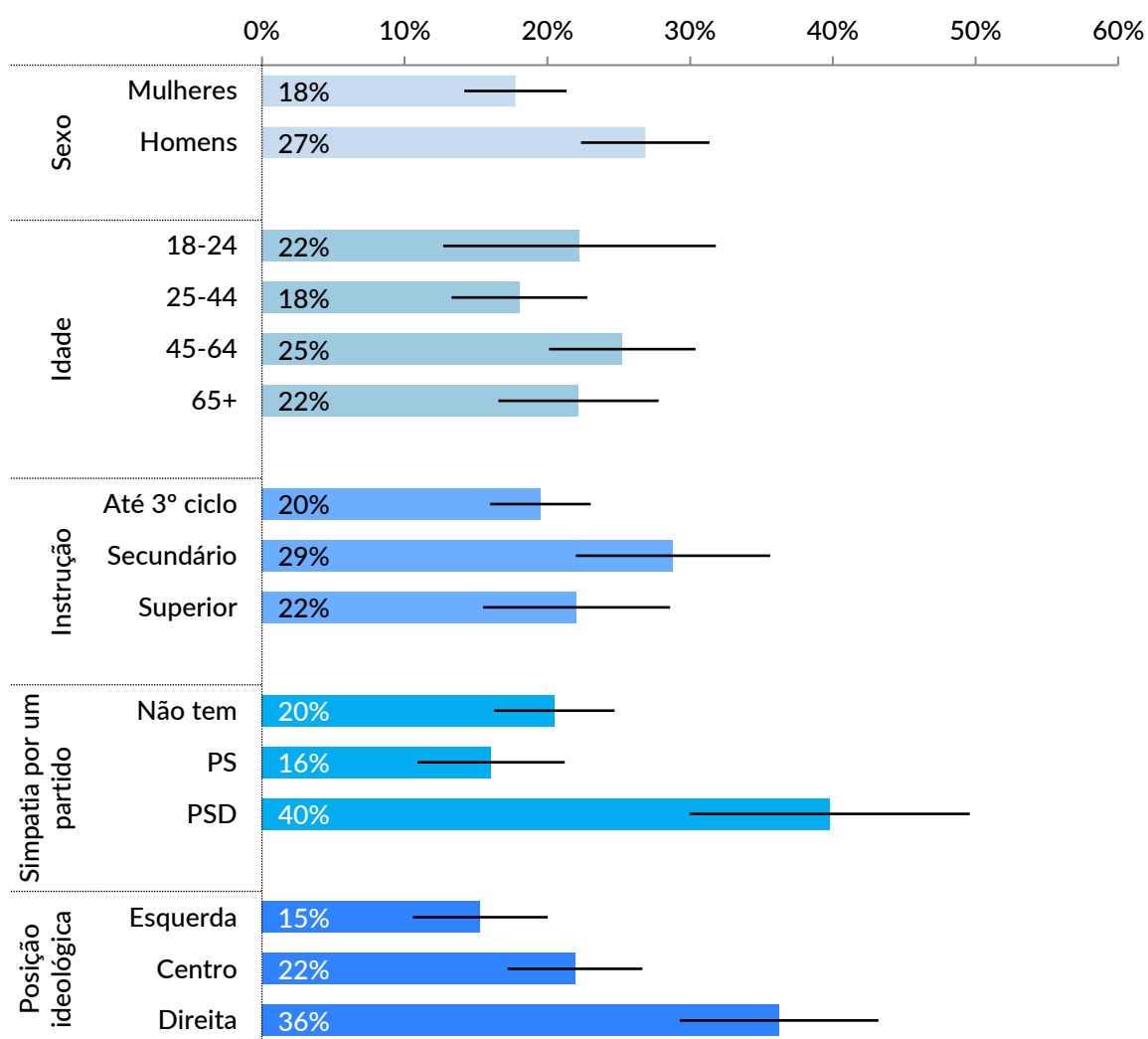
"Os partidos de direita prestam atenção ao problema da habitação."
% em relação ao total da amostra



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade.

Apenas 22% dos inquiridos acham que os partidos de direita prestam atenção aos problemas da habitação, contra 39% que acham que não o fazem. Um em cada cinco não manifestou uma opinião clara sobre o assunto e uma proporção similar não respondeu ou recusou-se a responder a esta questão.

"Os partidos de direita prestam atenção ao problema da habitação":
 comparação entre grupos sociopolíticos
 % que "concorda totalmente" ou "concorda" em relação ao total dos subgrupos

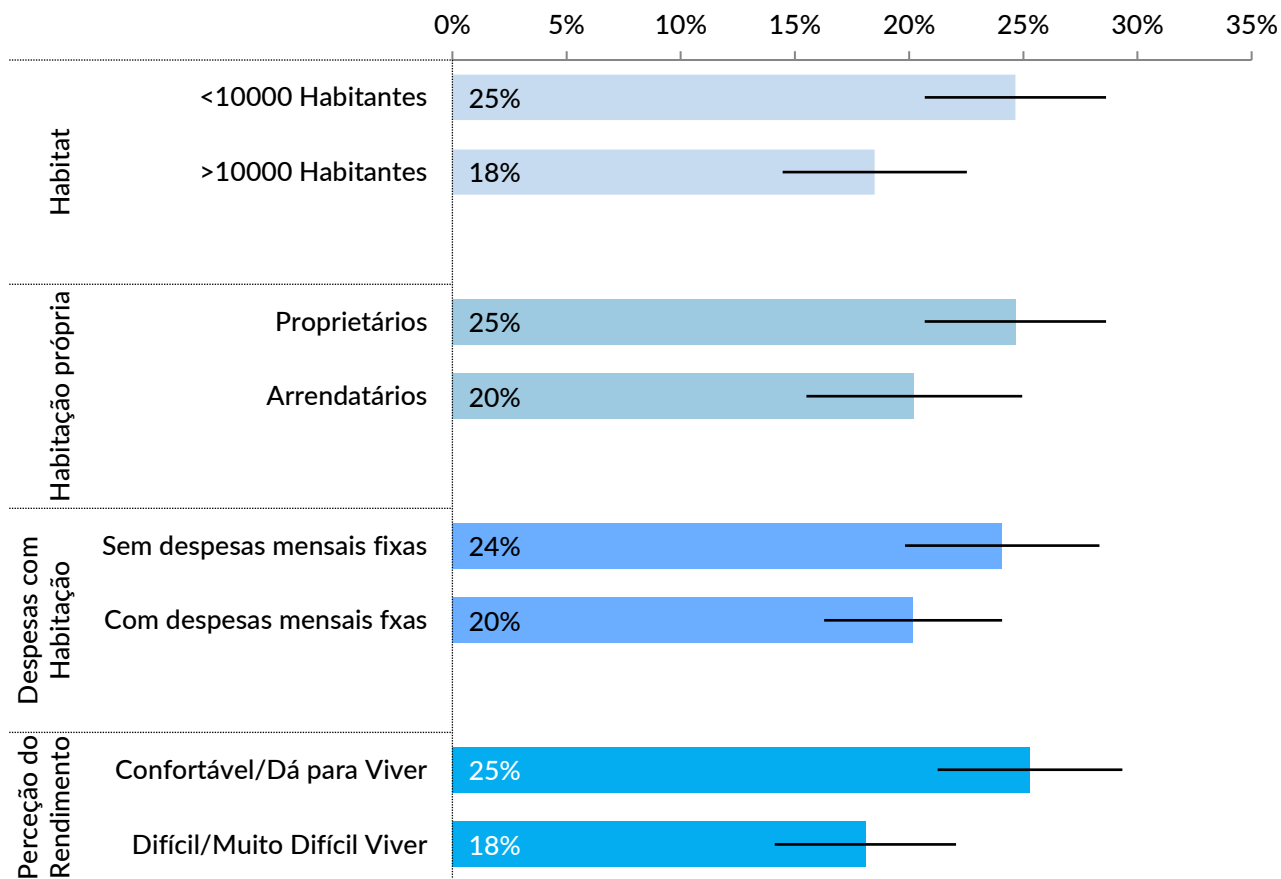


Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade

As mulheres (18%) são menos propensas do que os homens (27%) a concordar com a afirmação de que os partidos de direita prestam atenção ao problema da habitação. O nível de escolaridade também é um fator importante, sendo que há entre os menos e os mais instruídos uma menor taxa de concordância com esta afirmação (20% e 22%, respetivamente) do que no grupo composto por quem completou o ensino secundário (29%). Quanto aos fatores políticos, os simpatizantes do PSD tendem a concordar mais com a ideia de que os partidos de direita se preocupam com o problema da habitação (40%) do que os simpatizantes do PS (16%) ou aqueles que não têm simpatia partidária (20%). Para além disso, quem diz ser de direita é bastante mais propenso a concordar com esta afirmação (36%) do que quem é de centro (22%) ou de esquerda (15%). Não existem maiorias de indivíduos que concordam que os partidos de direita se preocupam com o tema da habitação junto dos simpatizantes do PSD ou no subgrupo de inquiridos de direita.

**"Os partidos de direita prestam atenção ao problema da habitação":
comparação entre grupos socioeconómicos e com diferentes situações
habitativas**

% que "concorda totalmente" ou "concorda" em relação ao total dos subgrupos

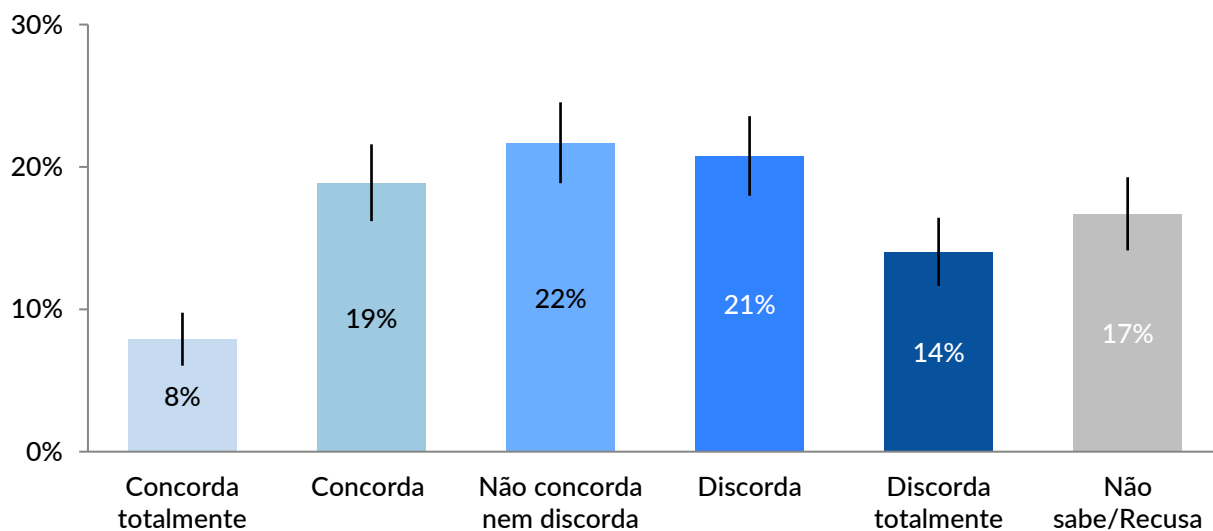


Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade

A opinião de que os partidos de direita prestam atenção ao problema da habitação é bastante rara junto dos que dizem ser muito difícil ou difícil viver com o rendimento do seu agregado familiar (18%), bem como entre os que vivem em zonas com mais de 10 mil habitantes (18%).

"Os partidos de esquerda prestam atenção ao problema da habitação."

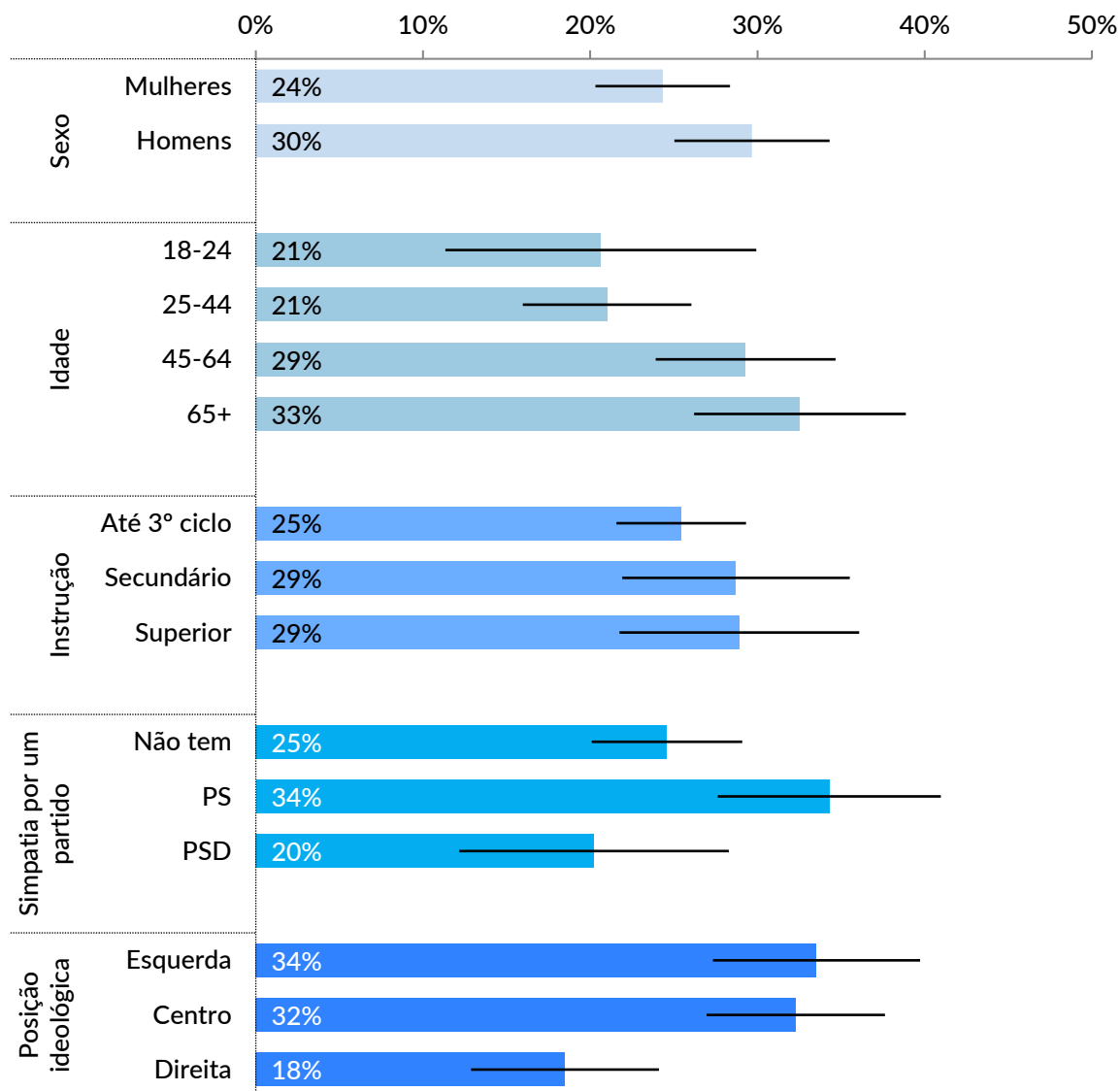
% em relação ao total da amostra



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade.

Apenas 27% dos inquiridos acham que os partidos de esquerda prestam atenção ao problema da habitação, valor inferior aos 35% que consideram que estes partidos não o fazem. Estes valores são muito semelhantes aos registados relativamente aos partidos de direita, o que indicia uma perceção de desinteresse pelo problema da habitação por parte dos partidos políticos de ambos os lados do espectro ideológico.

**"Os partidos de esquerda prestam atenção ao problema da habitação":
comparação entre grupos sociopolíticos**
% que "concorda totalmente" ou "concorda" em relação ao total dos subgrupos

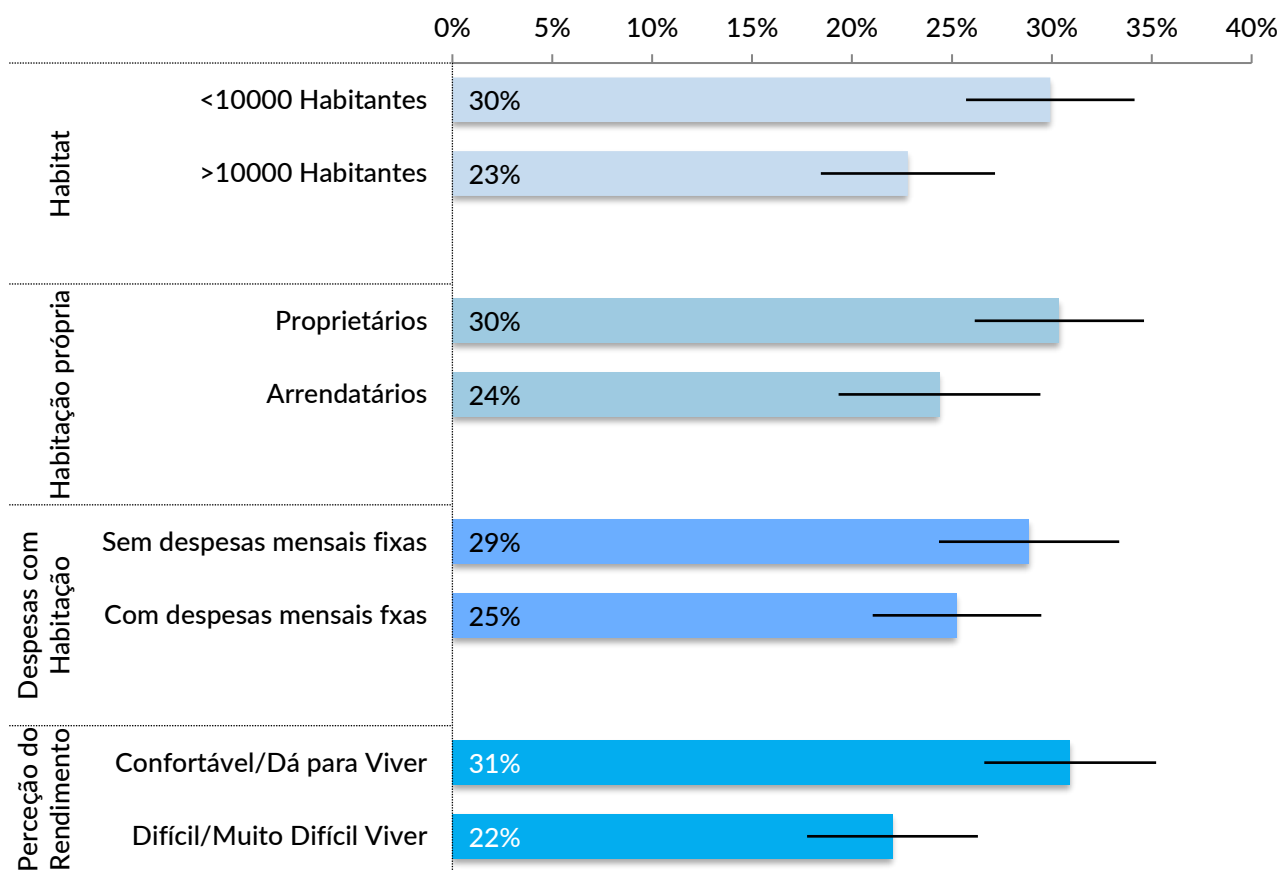


Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade

Quem tem menos de 45 anos é menos propenso a concordar com a ideia de que os partidos de esquerda prestam atenção ao problema da habitação (21%) do que os grupos etários superiores (29% e 33%, respetivamente). Os inquiridos que se consideram de direita concordam significativamente menos com a ideia de que os partidos de esquerda prestam atenção à questão da habitação (18%) do que quem se define como sendo de esquerda (34%) ou se posiciona no centro do espectro ideológico (32%). Para além disso, o grupo de simpatizantes do PS apresenta uma taxa mais elevada de concordância com esta afirmação (34%) que os grupos compostos pelos simpatizantes do PSD (20%) ou por quem não exprimiu simpatias partidárias (25%). Não existem maiorias de indivíduos que concordam que os partidos de esquerda se preocupam com o tema da habitação junto dos simpatizantes do PS ou no subgrupo de inquiridos de esquerda.

**"Os partidos de esquerda prestam atenção ao problema da habitação":
comparação entre grupos socioeconómicos e com diferentes situações habitativas**

% de "concorda totalmente" ou "concorda" em relação ao total dos subgrupos



Recolha: 3 a 15 de Dezembro de 2022. Valores são arredondamentos à unidade

A concordância com a afirmação de que os partidos de esquerda prestam atenção ao problema da habitação é comparativamente mais baixa junto dos que dizem ser muito difícil ou difícil viver com o rendimento do seu agregado familiar (22%), bem como daqueles que vivem em zonas com mais de 10 mil habitantes (23%).

U LISBOA | UNIVERSIDADE
DE LISBOA

ICS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

iscte INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA



Expresso

